

O poder de alusão da poesia — que a tal se resume tudo quanto a tradição da análise literária clássica especificou sob os nomes de vários tropos (metáforas, perífrase, etc., etc.) — não coube nunca nessas prisões douradas que a crítica lhe foi tecendo pelos séculos fora. O poeta diz muito em poucas palavras... e a análise literária diz de menos em palavras demais. Ai de nós, tentar compreender é uma doença incurável. Pois continuemos tentando.

ADOLFO CASAIS MONTEIRO,
A Palavra Essencial, p. 133.

INTRODUÇÃO

QUE SÓ O HOMEM LIVRE É DIGNO DE
SER HOMEM!

ADOLFO CASAIS MONTEIRO,
Europa, 1944-1945.

Adolfo Casais Monteiro há muito é reconhecido como figura central na poesia e na crítica literária no Portugal do século xx. Nessa medida, um volume sobre o que é essencial na sua Obra há muito lhe é devido. Muito poucos foram os autores que, ainda em vida e em plena actividade, foram reconhecidos e considerados pelos seus pares — e poucos são também aqueles cuja Obra, ainda em curso de publicação, é hoje tão pouco frequentada como se isso fosse natural. Este volume pretende apresentar uma explicação para este caso incomum, o de um autor reconhecido como poeta e como crítico por Pessoa, Régio, Gaspar Simões, Pierre

Hourcade, João Pedro de Andrade, Mário Dionísio, Eduardo Lourenço, Gastão Cruz, Melo e Castro, Ramos Rosa, Eduardo Prado Coelho, Fernando J. B. Martinho (e um imenso *et caetera*), cuja *Obra Completa* é há anos editada, com numerosos volumes inéditos, em silêncio quase completo.

Para este fim, desvalorizam-se conscientemente elementos biográficos tradicionais: a família, os casamentos, os humores; dá-se um uso tão restrito quanto possível a «polémicas» frequentes no nosso meio literário (e as de Casais são relevantes); e tenta-se enquadrar a singularidade de Casais Monteiro no meio em que se destacou, sem o que ela não se percebe. Do mesmo modo, valoriza-se o que nessa Obra se revela explicativo do seu apagamento público: a originalidade da sua actividade crítica. Por isso este *O Essencial* enfatiza a relação entre o pensamento de Casais Monteiro nas suas sucessivas fases, tentando corresponder a observações do próprio Casais. A poesia é parte desse pensamento, mas não se confunde com ele e merece por isso um capítulo autónomo quer face à crítica quer face ao autor.

Dito isto, e sem antecipar os dados a vir a público numa próxima fotobiografia de Adolfo Casais Monteiro

(INCM, no prelo), esta introdução serve para dar conta de alguns dados biográficos, que enquadram a evolução como que sincronizada da crítica e da poesia (a nosso ver em constante enriquecimento) de Casais.

Adolfo Victor Casais Monteiro nasceu no Porto em 1908 e morreu em São Paulo em 1972. Exilara-se em 1954 no Brasil (onde ensinou em várias universidades, com uma breve passagem pelos EUA perto do fim da vida), por motivos políticos, sem dúvida, mas não apenas por esses (proibição de ensinar); na verdade, a opção pelo Brasil, deveu-se sobretudo a um desejo de liberdade, não só dos poderes de facto em Portugal mas também face aos meios da oposição portuguesa, que percebeu serem pouco apropriados a heterodoxos como ele (as afinidades entre as reflexões de Casais Monteiro e Eduardo Lourenço a este respeito merecem ser notadas).

A sua juventude foi típica de um filho da burguesia portuense ilustrada e liberal, cedo revelando propensão artística. É ainda durante a sua licenciatura, na Faculdade de Letras do Porto, em Ciências Históricas e Filosóficas, num meio influenciado por Leonardo Coimbra, que se estreia nas Letras com os poemas de *Confusão* (1929). Embora nunca ostente a sua formação em Filo-

sofia, ela será indelével em dois aspectos: o interesse pela conceptualização, pela linguagem e o norte orientador da liberdade (temática forte em Leonardo Coimbra). Nessa altura já participava na direcção da segunda série de *A Águia*, com Sant'Ana Dionísio e Leonardo. Também nesse ano inicia a sua colaboração com a revista coimbrã *Presença*, em cuja direcção se integra em 1931, formando o que se torna a direcção «definitiva» da *folha de arte e crítica* até ao seu fim (já em segunda série, em 1940). A sua criação literária é já nestes anos dominada por dois géneros: a poesia e o ensaio. Poeticamente, fará a ponte, como muitos já notaram, entre o Modernismo da geração de 1915 (da qual recebe forte influência de Álvaro de Campos) e a poesia da segunda metade do século, que terá na sua Obra um raro interlocutor com a geração dos anos de 1930-1940; criticamente, o seu trabalho surge pela primeira vez em livro em 1933 (*Considerações Pessoais*) e desenvolve-se em quantidade e, sobretudo, em qualidade, desde a sua partida para o Brasil, tornando-se num dos raros intelectuais com relevo na primeira metade do século xx português a efectuar com sucesso a transição de um meio não-especializado (a imprensa e o mundo editorial) para o sistema universitário, pouco

especializado no Brasil de então mas no qual a sua actividade foi marcante.

Deste primeiro lustro da década de 1930 data também o início relevante da sua actividade política, no movimento *Renovação Democrática*. Apesar de pouco estudada, esta actividade merece ser notada: ela radica-se na influência de Leonardo Coimbra junto de uma juventude com formação filosófica (sensível também em Delfim Santos, por exemplo) e, genericamente, pretende «reavivar o campo liberal com um programa social-democrático», como escreve o historiador Rui Ramos no seu artigo sobre Leonardo no *Suplemento ao Dicionário de História de Portugal* (vol. 7, «A/E», p. 347; ed. Figueirinhas, Porto, 1999; curiosamente, no artigo «Intelectuais e o Estado Novo», que também escreve para a mesma obra, no vol. 8, Rui Ramos não se refere à *Renovação Democrática*). Apesar de pouco aprofundada, esta referência é necessária por completar o conjunto de marcas de Leonardo sobre Casais, patentes também na reflexão sobre a liberdade e a precisão conceptual nos diversos usos da linguagem. Esta actividade antiditatorial aproximá-lo-á também, pelo menos em comparação com a imagem pública dos restantes directores da *Presença*, dos meios politicamente influentes

entre os jovens oposicionistas dessa altura, denominados neo-realistas para melhor escaparem à perseguição oficial aos comunistas. Nunca o presencismo de Régio (e mesmo de Simões) foi o que dele disseram na imprensa neo-realista, mas, de facto, Casais era, até etariamente, o mais próximo desses meios. Contudo, como na altura todos perceberam e, mais tarde, já no Brasil, continuou a ser nítido, nunca foi comunista nem, sequer, marxista.

Depois de ter obtido qualificação pedagógica em Coimbra, começa a ensinar no Porto em 1934 (Liceu Rodrigues de Freitas). Casa-se com Alice Pereira Gomes, irmã de Soeiro Pereira Gomes, de quem só se separa um ano após partir para o Brasil, duas décadas mais tarde. No final da década de 1930 e na década seguinte foi demitido do ensino (1937) e preso sete vezes, vivendo uma vida profissional atribulada por motivos políticos, mantendo a sua actividade de poeta e crítico através de trabalhos de tradução e edição. Os anos da década de 1940 são particularmente férteis em termos poéticos: *Sempre e sem Fim* data de 1937, e na década seguinte, seguem-se-lhe *Canto da Nossa Agonia* (1942), *Noite Aberta aos Quatro Ventos* (1943), *Versos* (1944, reunião dos três livros de poesia anteriores) e, com

particular destaque, *Europa* (1946), longo poema lido por António Pedro aos microfones da BBC de Londres ainda durante a guerra (1945). Por fim, em 1949, outra colectânea poética, *Simple Canções da Terra*. Em 1945 publicara já *Adolescentes*, o seu único romance. E, sob anonimato, coordena o *Mundo Literário*, semanário literário. Não menos relevante é a sua ligação com Fernando Pessoa, que data dos dias em que dirigira *Presença*. Logo em 1942 organizara e prefaciara uma antologia poética de Pessoa, que conhecerá sucessivas reedições e influenciará sucessivas gerações de leitores. Essa actividade iniciada na crítica (e correspondência com o próprio Pessoa) na década de 1930 e prosseguida editorialmente na década seguinte terá no início da década de 1950 expressão em francês, traduzindo «Tabacaria» (com Pierre Hourcade). Grande parte do trabalho destas duas décadas encontra-se na reunião de ensaios *O Romance e os Seus Problemas* (1950; edição modificada no Brasil, mais tarde, como *O Romance: Teoria e Crítica*). É também sua a fixação do texto primitivo e versão em português moderno da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (2 vols., Lisboa e Rio de Janeiro, 1952-1953).

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Introdução | 5 |
| I. <i>Considerações Pessoais, Pessoa e Presença(s)</i> | 15 |
| II. Antes do Brasil..... | 43 |
| III. «Quantas vezes a vida principia?» | 63 |
| IV. «A contradição mais natural» | 73 |
| V. Para uma posteridade sem melancolia | 85 |